

Jornalismo em quadrinhos sobre a crise migratória na trilogia “A Odisseia de Hakim”, de Fabien Toulmé

TOULMÉ, Fabien. **A Odisseia de Hakim: Volume 1.** Da Síria à Turquia. Tradução: Fernando Scheibe. 1ª ed., São Paulo: Nemo, 2020a.

TOULMÉ, Fabien. **A Odisseia de Hakim: Volume 2.** Da Turquia à Grécia. Tradução: Fernando Scheibe 1ª ed., São Paulo: Nemo, 2020b.

TOULMÉ, Fabien. **A Odisseia de Hakim: Volume 3.** Da Macedônia à França. Tradução: Fernando Scheibe 1ª ed., São Paulo: Nemo, 2021.

1

Paula Sperb¹
Felipe Boff²

A imagem de uma criança imigrante de três anos afogada na praia captou atenção dos veículos de imprensa em 2015. A história do menino sírio Alan Kurdi, morto por afogamento na perigosa travessia pelo mar entre a Turquia e a Grécia, sensibilizou o mundo: atravessar o mar em um frágil bote era um risco avaliado como menor do que aquele enfrentado se ficassem vulneráveis aos ataques do Estado Islâmico no seu país de origem.

Mas, se por um lado a história de Alan comoveu multidões, a crise migratória que assolava a Europa parecia comumente reportada pelo jornalismo com a frieza dos números. No início de 2015, duas tragédias ganhavam coberturas bem distintas no Velho Continente: a queda de um avião da Germanwings nos Alpes franceses, com 150 mortos, majoritariamente europeus, amplamente destacada no noticiário televisivo; e o naufrágio

¹ Pós-doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutora e mestra em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professor de Jornalismo na Unisinos.

de um barco na travessia do Mar Mediterrâneo, com 400 imigrantes mortos, apenas mencionado no telejornal como mais um episódio da referida crise. Foi diante dessa evidente diferença que o quadrinista francês Fabien Toulmé decidiu narrar, na forma de uma reportagem em quadrinhos, a história de um imigrante.

Toulmé explica o que pode ter gerado a atenção desproporcional dada aos dois eventos pela imprensa e, conseqüentemente, pelo público dessas notícias:

Minha hipótese é que a diferença de percepção que temos desses dois acontecimentos horríveis está ligada sobretudo a uma questão de identificação e de proximidade. Nós (o público) poderíamos muito bem estar no avião, mas dificilmente estaríamos num barco improvisado fugindo da fome ou de um país em guerra, ou dos dois. Além disso, pouco sabemos sobre esses imigrantes. É muito mais difícil sentir compaixão por números citados no fim do jornal do que por pessoas cuja história conhecemos, ou ao menos conseguimos imaginar. (TOULMÉ, 2020a, p.10)

2

Podemos perceber que o jornalismo – ou, mais especificamente, do nosso ponto de vista acadêmico, as incongruências do jornalismo transnacional guiado por uma visão eurocêntrica – foi o motivo da inquietação que levou o autor a fazer sua própria reportagem em quadrinhos. Dessa forma, Toulmé, apesar de não ser jornalista (largou uma carreira de engenheiro civil para se dedicar aos quadrinhos), inicia um trabalho jornalístico de entrevista com um imigrante – que, aliás, localiza a partir da indicação de uma amiga jornalista. A história real de Hakim é contada em detalhes em uma trilogia. No Brasil, os três livros foram publicados entre 2020 e 2021 pela editora Nemo com tradução de Fernando Scheibe. “A Odisseia Hakim” foi dividida em três volumes para dar conta da saga: “Da Síria à Turquia (Volume 1)”, “Da Turquia à Grécia (Volume 2)” e “Da Macedônia à França (Volume 3)”. O imigrante Hakim é, na obra, um herói tal qual Ulisses (Odiseu), de Homero, que enfrenta inúmeros desafios na sua jornada. Hakim, porém, precisa sair de sua terra natal, enquanto Ulisses tenta voltar para casa. A referência literária, porém, se restringe ao título, uma vez que a obra será totalmente voltada à narração de episódios reais vividos pelo personagem. Toulmé, logo no início do primeiro volume, preocupa-se em tornar transparente para o leitor seus processos jornalísticos e suas limitações ao transpor fatos verídicos para os quadrinhos. No Prólogo, o autor afirma:

A transcrição em livro de uma vida, ou de um pedaço de vida, com base em um testemunho é um exercício particularmente delicado, pois se trata de pôr em cena uma experiência que o autor não viveu. Antes de me lançar na realização desta HQ, refleti bastante sobre a questão do respeito

à história original que me foi contada e fiquei muito preocupado com a ideia de trair, de uma maneira ou de outra, aquilo que tinha em mãos. Logo percebi que seria impossível permanecer totalmente colado à realidade: eu não estava lá para ver as coisas que Hakim tinha visto, ouvir o que ele tinha ouvido... (...) Mesmo assim, fiz o máximo para ser fiel à natureza e, na medida do possível, ao conteúdo das narrativas que me foram confiadas. (TOULMÉ, 2020a, s.p)

O jornalismo em quadrinhos do autor, assim como o jornalismo convencional, adotou recursos como mudança de nomes de certos personagens para preservar suas identidades em situações de risco. Outra escolha do autor, comum na reportagem escrita, foi omitir a presença de uma tradutora durante as sessões de entrevista com Hakim. Se, em um texto, é comum que repórteres deixem de fora o registro da presença de tradutores, quando necessários para a comunicação com as fontes, aqui a figura da tradutora simplesmente não foi desenhada como os demais personagens das cenas.

3

Toulmé, a exemplo de próceres do jornalismo em quadrinhos como Joe Sacco (“Palestina”, “Notas de Gaza”, “Reportagens”) e Art Spiegelman (“Maus”), não se exime de registrar o próprio papel na narrativa. Não poderia mesmo haver, na linguagem livre e transgressora dos quadrinhos, qualquer receio diante do tabu jornalístico do relato do repórter em primeira pessoa. O quadrinista se torna personagem de um tempo presente (o das entrevistas) entremeado à narrativa principal (a história de Hakim, pretérita, na qual o sírio assume a voz do narrador). Com esse recurso, narra o transcorrer da apuração e da construção do relacionamento com a fonte principal. Revela hesitações mútuas, diferenças culturais, ambientação das entrevistas, avanços e empecilhos do processo jornalístico, com o qual inclusive confessa ter pouca familiaridade: “Não sou jornalista. Não sei ao certo como se toma um testemunho. Eu tinha preparado uma lista de perguntas bem precisas numa sequência lógica, mas logo me dei conta de que não seriam muito úteis” (2020a, p.19). Ao final dos três volumes, resta claro que Toulmé não apenas supera essa dificuldade inicial, mas ainda consegue oferecer, explicitando seu modo de perguntar e (sobretudo) de ouvir, um contributo particular à arte da entrevista. E parece concordar com Joe Sacco (2016, s.p.) quando este reflete sobre a inclusão do autor na própria obra: “Ao admitir que estou presente na cena, minha intenção é sinalizar ao leitor que o jornalismo é um processo no qual defeitos e marcas de costura ficam aparentes, como se realizado por um ser humano – e não ciência executada friamente por um robô atrás do acrílico”. (SACCO, 2016, s.p).

4

Por tratar-se de uma história com guerra e sofrimento, seria compreensível esperar um desenho com traços mais realistas. Entretanto, o estilo de Toulmé é leve, e notabiliza vantagens insuspeitas. O desenho limpo, quase *cartoon*, amplia o efeito de empatia no leitor. É fácil colocar-se dentro daquele universo pictórico onde características étnicas e geográficas não são apagadas, mas aproximadas pela economia do traço e das cores. Um risco horizontal no lugar dos olhos é o bastante para denotar a hostilidade de um cenho franzido; a boca mínima, às vezes nem desenhada, registra o desassossego permanente de quem está sempre em busca de um novo lugar para ficar; uma lágrima solitária entrega o desespero no rosto do personagem. A palheta de cores, aplicada digitalmente, oscila em um espectro binário: vai do ocre ao ciano, com variações que servem tanto para compor luz e sombra, respectivamente, como para distinguir os elementos de cada quadro. O *layout* básico, quase sempre com seis requadros de traçado convencional e tamanhos iguais em cada página, completa a proposta visual límpida. As exceções obedecem ao sentido exato da palavra, não mais do que meia dúzia de páginas inteiras ou duplas – entre as 250 páginas que têm em média cada volume –, e como tais garantem seu destaque. Estão reservadas ao clímax, a alguma virada narrativa ou ao encerramento dos atos. No volume 1, Toulmé deixa apenas um quadro verbal para o narrador Hakim – “Sofri esse tratamento por uma semana, que pareceu durar meses” (2020a, p. 94-95) – e preenche a página dupla com um desenho que, emulando as escadas infinitas da “Relatividade” de M.C. Escher, denuncia a rotina interminável de interrogatórios e torturas imposta ao protagonista pela ditadura síria. No volume 2, um desenho de página inteira opõe a pequenez do bote à imensa escuridão do mar, quase dispensando o quadro verbal do narrador: “Ali estávamos, no meio do nada, num silêncio de morte” (2020b, p. 201). São exemplos do recurso do meta-quadrinho ou superquadrinho, nas definições de Eisner (2010, p. 65), mais uma evidência de como Toulmé encontra na linguagem clássica dos quadrinhos o suporte ideal para sua narrativa jornalística. Mas também há espaço para ousadia. No volume 3, Toulmé congela a cena do reencontro de Hakim com a família no centro de uma página, seguida de três folhas em branco (2021, p. 227-230) – a história termina ali? final feliz? –, e então retoma o *layout* tradicional para terminar de contar a história.

Por fim, a jornada do autor também é digna de reconhecimento. Após cinco anos de trabalho e 777 páginas, Fabien Toulmé atinge com “A Odisseia de Hakim” uma profundidade e uma potência narrativa que o jornalismo convencional raramente alcança.

A obra lhe valeu a conquista, no início de 2021, do 27º Prêmio Franceinfo de Quadrinhos de Atualidades e Reportagem.

Referências Bibliográficas

SACCO, Joe. Reportagens. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Submissão: 10 abril 2021

Aceite: 28 abril 2021